

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil

Editores da Décima Nona Edição

Dayse Oliveira Barbosa | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Conselho Editorial

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Auxiliadora Fontana Baseio | Universidade de Santo Amaro, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria dos Prazeres Santos Mendes | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, Brasil

Comissão Científica

Angela Balça | Universidade de Évora, Portugal

Diógenes Buenos Aires | Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Eliane Debus | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

José Jorge Letria | Associação dos Escritores Portugueses, Portugal

Pedro Serra | Universidade de Salamanca, Espanha

Rosângela Sarteschi | Universidade de São Paulo, Brasil

Sérgio Paulo Guimarães Sousa | Universidade do Minho, Portugal

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil.

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, MG, Brasil.

Comissão de Publicação

Cristiano Camilo Lopes | Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Regina Célia Ruiz | Universidade de São Paulo, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Preparação e Revisão da Décima Nona Edição

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Oliveira Barbosa | Universidade de São Paulo, Brasil

Fernanda Marques Granato | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Projeto Gráfico

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Edição de Arte

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Criação do Logotipo

Silvana Mattievich

Ilustração da Capa

Rogério Neves | <https://rogerioneves.com/>

Capa

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Tradutores

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Pareceristas da Décima Nona Edição

Ana Lúcia Machado da Silva | Universidade Paulista, Brasil

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Oliveira Barbosa | Universidade de São Paulo, Brasil

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Flavia Reis | Universidade de São Paulo, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Márcio Silveira dos Santos | Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Maria das Graças Monteiro Castro | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Paulo César Ribeiro Filho | Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Theodoro Casalotti Farhat | Universidad Complutense de Madrid, Espanha

Sandra Trabucco Valenzuela | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Simone Camacho Gonzalez | Universidade Paulista, Brasil

ISSN: 2316-9826

SUMÁRIO

Editorial **7**

Dayse Oliveira Barbosa, Maria Zilda da Cunha, Nathália Xavier Thomaz, Ricardo Iannace, Sandra Trabucco Valenzuela

Entrevistas

Sérgio Matta, ilustrador de
A Vida Íntima de Laura, de Clarice Lispector.....13

Joel Rosa de Almeida

Paleta de vida e obra de Tarsila do Amaral:
entrevista com Nádya Battella Gotlib.....47

Ricardo Iannace

Artigos

As meninas de Clarice Lispector e
a tradução da infância em suas obras.....58

Rosângela Fernandes Eleutério

Modernismo brasileiro à italiana:
Brás, Bexiga e Barra Funda e La divina increnca.....81

Helena Bonito Pereira

Poesia, visualidade e cubismo em “Água forte”,
poema de Manuel Bandeira.....99

Arnaldo Franco Júnior

Anita Malfatti e a reflexão sobre o espaço feminino na arte:
Uma análise do livro infantil *Aconteceu às 19:22*..... 122
Goimar Dantas de Souza

Oswald de Andrade e o Teatro Oficina: *O Rei da Vela em cena*.....144
Carolina Xavier de Oliveira Longatti

Varia

Autoria e Literatura Infantil em
O Diabo na noite de Natal, de Osman Lins159
Wesley Moreira de Andrade

Literatura e folclore: os paralelos
na construção da identidade nacional brasileira.....177
Dibo Mussi Neto e João Paulo Moda Paladino

Interações verbovisuais em *Maria Mole*, de André Neves.....189
Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima e Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Resenhas

Mário de Andrade para a jovem geração,
de Nelly Novaes Coelho 212
Paulo Cesar Ribeiro Filho

Nós também falamos português, de Avani Souza Silva:
uma viagem literária e cultural pelos mundos da língua portuguesa220
Paulo Cesar Ribeiro Filho

Lasar Segall: o pintor de almas..... 226
Dayse Oliveira Barbosa

EDITORIAL

Infância e juventude em calendário fronteiriço com a Semana de Arte Moderna

No ano de 2022, centenário da Semana de Arte Moderna, a Revista *Literartes* propôs, para a comemoração da importante efeméride, agenciar reflexões que contemplassem aspectos relativos à figuração da infância e da juventude no horizonte afortunado do modernismo brasileiro. Buscava-se contemplar, sobretudo, a literatura e outras artes, perscrutando os caminhos de renovação anunciados por aqueles que participaram diretamente do movimento e por artistas que, ao beberem na fonte dessa expressão estética, transformaram o panorama das artes brasileiras. Com efeito, a edição dedicada ao tema faz-se publicada, neste ano de 2023, com textos notadamente relevantes acerca do assunto.

De antemão, lança-se um parêntese por meio do qual se esboça certa explicação sumária à seguinte pergunta: *o que foi a Semana da Arte Moderna e que impacto causou na literatura para crianças e jovens?* Para a edificação de uma resposta, importa trazer a lume o fato de que, no início do século XX, profundas tensões e mutações no campo das ciências, da política, do pensamento e das artes ganhavam espaço – velocidade e multiplicidade seriam os atributos da vida urbana e moderna. O advento da revolução industrial trouxera modificações capitais no terreno da cultura e do trabalho; some-se a isso o surgimento de tecnologias para a época, culminando com suportes inovadores no universo das comunicações; inevitável foi o desenvolvimento de formas inéditas de acessar o mundo, bem como o emergir de nova consciência de linguagem. Além disso, o planeta assistia ao horror da Primeira Guerra Mundial.

Ao fim e ao cabo, são abalos na esfera das ideias, das tecnologias, da vida humana. Tudo afetava, sobremaneira, os mecanismos de expressão (a humanidade experimentava transes de paradigmas). Acrescentem-se a essas experiências as vanguardas europeias: futurismo, cubismo, expressionismo, dadaísmo, surrealismo, entre outros. Em território brasileiro, mirava-se o fim da monocultura do café e uma

alteração na estrutura (quase feudal) que aqui se instalara; a dicotomia entre a parte do litoral repleto de cultura burguesa (haja vista o incentivo a viagens ao exterior e os estudos realizados em universidades europeias) e a porção interiorana, inserida em um ambiente de maior atraso, a caracterizar a sociedade de então. Isso, de algum modo, motivará produções literárias como as de Lobato e Menotti del Picchia – *Jeca Tatu* e *Juca Mulato*, respectivamente.

Em 1912, Oswald de Andrade chega ao Brasil fascinado pelas vanguardas europeias e assevera que estaríamos, certamente, com 50 anos de atraso em relação ao restante do mundo. Em 1913, Lasar Segall expõe obras em São Paulo e Campinas. Sua pintura, marcadamente sob o impacto da Primeira Guerra Mundial, reflete a preocupação com injustiças sociais e o sofrimento humano. Em 1917, Anita Malfatti, recém-chegada do exterior, expõe 53 trabalhos, entre dezembro de 1917 e janeiro de 1918 – exposição polêmica que instaurou, fundamentalmente pela crítica de Lobato, um marco na história da arte moderna no Brasil. Sem dúvida, tais episódios se revelam seminais na concreção da Semana de 22, entre 11 e 17 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo.

A propósito da literatura infantil e juvenil, impossível não recordar – em calendário precedente e ulterior a fevereiro de 1922 – as crianças que, vez ou outra, assomam às paletas de Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Vicente do Rego Monteiro e Candido Portinari. Cumpre afiançar que a ilustração, a música, o teatro e outras manifestações artísticas assimilam o discurso da Semana, desenvolvendo novas possibilidades construtivas e interpretativas.

Segundo a fundadora da área de Literatura Infantil e Juvenil na Universidade de São Paulo, Nelly Novaes Coelho, essa é uma época que assinala o confronto entre a tradição estético-literária oitocentista e o modernismo de 1922. Nelly negrita a produção inventiva de Monteiro Lobato, dotada de linguagem fluente, lúdica e fantasista. Se Lobato se revelou conservador em sua crítica a Anita Malfatti, ele soube – por outro lado – conjugar elementos do frescor modernista ao publicar *A menina do Narizinho Arrebitado* (1921) e posteriormente *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* (1934). É fato que a veia criativa e o trabalho inovador de Lobato vêm ressoar em nomes como Clarice Lispector, Ligia Bojunga e Ziraldo.

A poesia com características modernistas conquista, pois, espaço na literatura infantil e juvenil. Manuel Bandeira, a exemplo, em “Trem de ferro” revela a valorização da camada sonora, a cadência rítmica e o jogo com o objeto, que se arquiteta no exercício da confecção do verso. Bandeira também traz à baila alumbramentos, registros de festas e brincadeiras de rua inerentes à meninice em Recife. Cecília Meireles, singularmente, sugere colorido à palavra, confiando a ela movimentos. Henriqueta Lisboa, Cassiano Ricardo, Sidônio Muralha, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Bartolomeu Campos Queirós, José Paulo Paes, Elias José, Sérgio Caparelli, Manoel de Barros, entre outros, agregam-se aos citados. São poetas que fazem reverberar de algum modo as propostas modernistas, ecoando estribilhos de Mário e Oswald de Andrade.

Este número da *Literartes* tanto considera quanto palmilha esse fabuloso circuito. O artigo “As meninas de Clarice Lispector e a tradução da infância em suas obras”, de Rosângela Fernandes Eleutério, revisita a condição da personagem mirim da escritora ucraniana, na cidade de Recife, por volta da década de 1930. Com idades entre oito e dez anos, a criança presente na ficção de Lispector vivencia o peso da responsabilidade social que é imposta ao sujeito feminino, avolumando na puberdade e na vida adulta. O artigo revela como as meninas – e sobretudo a própria Clarice – compreendiam suas vidas como pessoas autônomas e independentes.

O artigo “Modernismo brasileiro à italiana: *Brás, Bexiga e Barra Funda e La divina incrensa*”, de Helena Bonito Pereira, volta-se às produções de Antônio de Alcântara Machado e Juó Bananére (pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado), respectivamente, evidenciando como a renovação da linguagem e da estética proposta pelos artistas modernistas possibilitou que cada um produzisse obras com inequívoca e curiosa mescla das línguas portuguesa e italiana, cunhando na literatura brasileira a marcante presença da imigração italiana, na cidade de São Paulo, ocorrida no início do século XX.

Arnaldo Franco Júnior, em “Poesia, visualidade e cubismo em ‘Água forte’, poema de Manuel Bandeira”, atém-se aos versos de “Água-forte”, tecendo relações que coadunam estruturação lírica, imagética e procedimentos cubistas com vistas ao pictórico. Por sua representação fragmentária e de multiperspectiva da imagem,

“Água-forte” vincula-se ao modernismo na medida em que referenda a técnica desenvolvida por Pablo Picasso, cifrando a natureza erótica e trabalhando com a relação vida e morte, tão cara a Manuel Bandeira.

“Anita Malfatti e a reflexão sobre o espaço feminino na arte: Uma análise do livro infantil *Aconteceu às 19:22*, de Anna Carolina Longano”, é título do texto de Goimar Dantas de Souza, que se propõe a demonstrar como aspectos biográficos da renomada pintora modernista de *A boba* (1915), resgatados na obra contemporânea de Longano, suscitam uma instigante reflexão sobre a presença feminina na arte, dialogando de modo envolvente com as crianças do século XXI.

No artigo “Oswald de Andrade e o Teatro Oficina: O Rei da Vela em cena”, Carolina Xavier de Oliveira Longatti discute a apreensão da obra dramaturgica de Oswald de Andrade pela montagem teatral de José Celso Martinez.

Na seção *Varia*, temos o artigo “Autoria e literatura infantil em *O Diabo na noite de Natal*”, em que Wesley Moreira de Andrade especula o conceito de autoria por meio da obra do escritor pernambucano Osman Lins, em seu livro *Guerra sem testemunhas* (o escritor, sua condição e a realidade social), e de Maurice Blanchot, nos ensaios publicados em *O livro por vir*. O estudo destaca a incursão osmaniana pela literatura infantil e como se apresenta a relação com o público, valendo-se de escrita e linguagem criativa que encantam, educam e engajam as crianças, estimulando o processo de leitura.

Em “Literatura e folclore: os paralelos na construção da identidade nacional brasileira”, artigo de Dibo Mussi Neto, a literatura e os estudos folclóricos são apontados como delineadores da identidade nacional brasileira. A união dos conceitos de folclore, cultura brasileira, literatura e oralidade é demonstrada por meio de uma análise do mito do Saci-Pererê, sublinhando a importância dos mitos na construção da identidade popular.

Em seguida, temos o texto “Interações verbovisuais em *Maria Mole*, de André Neves”, no qual Andressa Mayara Bezerra de Oliveira Lima e Diógenes Bueno abordam pela via intersemiótica a relação texto e imagem visando à recepção do público infantil, atentando a estratégias linguísticas e imagéticas. O estudo demonstra a complexidade da relação palavra e imagem, por meio da análise das ilustrações de André Neves.

As matérias presentes nas seções Resenhas e Entrevistas sintonizam, acertadamente, com a proposta deste número do periódico. O pesquisador Paulo César Ribeiro Filho produz duas resenhas críticas, quer sobre um livro memorável da saudosa professora Nelly Novaes Coelho, intitulado *Mário de Andrade para a jovem geração* (1970), quer acerca da obra recém-lançada da talentosa Avani Souza Silva, *Nós também falamos português: histórias contadas nos países de língua portuguesa* (2023) – o volume é ilustrado por Thales Fernando Pomb. A pesquisadora Dayse Oliveira Barbosa escreve sobre o livro *Lasar Segall: o pintor de almas* (2001), de Lia Zatz. Quanto às entrevistas, Joel Rosa de Almeida estabelece interlocução com Sérgio Matta, que ilustrou, nos anos 1970, a narrativa *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector. Ricardo Iannace dialoga com Nádya Battella Gotlib, que se pronuncia a respeito da pintora de *A negra* (1923) e do livro substancioso que escreveu sobre a artista plástica, *Tarsila do Amaral, a modernista*, o qual se encontra na quinta edição (2022) revista e ampliada.

Por fim, a belíssima capa oferecida a esta *Literartes* foi criada pelo ilustrador Rogério Neves: intitula-se *Abaporu de Andrade*, utilizando a técnica de aquarela e lápis de cor. Engendra a releitura do óleo sobre tela *Abaporu* (1928), de Tarsila do Amaral, com uma homenagem à expressividade do “gigante” autor de *Macunaíma*.

Uma ótima leitura!

Dayse Oliveira Barbosa

Maria Zilda da Cunha

Nathália Xavier Thomaz

Ricardo Iannace

Sandra Trabucco Valenzuela
